

UM FINAL DE ANO CHEIO DE INDEFINIÇÕES

O ano letivo está prestes a terminar, mas as indefinições quanto a 2024 ainda persistem. Até agora ainda não se sabe como serão contratados os novos docentes que atuarão no próximo semestre, nem se os parâmetros que regem os atuais contratos permanecerão válidos.

Em julho passado a Fundasp editou a deliberação 03/2023, que reduzia os contratos dos professores contratados a partir de julho/2023. O Conselho Universitário aprovou uma manifestação que pedia que a medida não fosse aplicada, principalmente pelo seu caráter discriminatório com os novos docentes, indo contra a isonomia funcional.

O secretário-executivo da Fundasp, padre Rodolpho Perazzolo, recebeu a manifestação, mas não se pronunciou até o momento. Normalmente, até o final de cada semestre, a Fundasp divulga uma resolução sobre as normas do contrato docente do próxi-

mo semestre. Porém, até o fechamento desta edição, a nova deliberação não havia sido divulgada.

Também ainda não é do conhecimento da comunidade o calendário acadêmico para 2024, peça fundamental para o planejamento das chefias acadêmicas e dos professores em geral.

Mais trabalho, menos salário

Além do arrocho que a Fundasp vem impondo aos docentes, uma série de tarefas estão sendo impostas aos professores sem a devida contrapartida financeira.

É o caso das chamadas atividades extensionistas que o MEC passou a exigir de cada curso, mas que, na maioria das vezes, a universidade não remunera os seus docentes para sua efetiva realização.

O PUCviva também tem ouvido queixas a respeito do trabalho docente das chefias no período de férias. A direção da universidade tem cobrado dos professores que recebem verbas administrativas para que determinem horários durante o período de férias docentes para a efetivação de plantões. Essa cobrança também é feita

aos vice-coordenadores e suplentes, que, diga-se de passagem, estatutariamente não recebem verbas administrativas.

Segundo o Sindicato dos Professores de São Paulo o trabalho docente durante o período de férias é ilegal. Em matéria de esclarecimento sobre esse tema, o Sinpro-SP respondeu da seguinte forma ao questionamento “a escola pode chamar o professor ou exigir trabalho durante as férias?”: “Evidentemente, não! Também não pode enviar mensagens por whatsapp, e-mail ou incomodar por outros meios de comunicação”.



**professor e funcionário,
filie-se à sua associação!**

Somente a participação efetiva na APROPUC e AFAPUC garante conquistas superiores à própria Convenção Coletiva, melhores condições de ensino e trabalho, contrato de trabalho diferenciado, manutenção de uma imprensa combativa, luta permanente por uma aposentadoria digna, entre tantas outras conquistas que só podem ser viabilizadas com uma associação forte e atuante.

SUA PARTICIPAÇÃO NA LUTA DE DOCENTES E FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS É FUNDAMENTAL!

ASSOCIE-SE: PROFESSORES: www.apropucsp.org.br/ficha-de-associação
FUNCIONÁRIOS: <https://www.afapuc.org.br/formularios/>

APROPUC **AFAPUC**

Solução Dialogada

A cidade de São Paulo viveu novamente seus contratemplos devido à greve dos metrôviários e ferroviários, entre outros, ocorrida na última terça-feira (28/11) e os funcionários da PUC-SP também foram afetados, como qualquer outro cidadão paulistano.

Greve é um direito constitucional de todo trabalhador, o qual sempre defendemos, e continuaremos fazendo tal defesa. Indispensável lembrar quantas conquistas já tivemos fazendo uso desse direito.

No dia 27/11, a AFAPUC enviou ofício para Reitoria solicitando que fosse autorizado o trabalho remoto, para quem pudesse realizá-lo nesta modalidade, em virtude da dificuldade de locomoção para

muitos de nós funcionários. Ademais, foi solicitado que a chefia pudesse analisar, caso a caso, a situação daqueles que não conseguiram comparecer para que o dia pudesse ser abonado, por meio de indicação no relatório de divergência.

Ambos os pedidos foram aceitos pela administração da Universidade e tal decisão informada pela DRH a todo corpo administrativo em dois e-mails, enviados em horários distintos.

Esta decisão, estabelecida por meio do diálogo iniciado pela AFAPUC com a Reitoria, Secretaria Executiva/DRH, evitou prejuízo àqueles trabalhadores/trabalhadoras que realmente não teriam como chegar para mais um dia de

trabalho, eximindo o desconto de um dia no salário, para quem não tivesse mais abono, ou o uso do abono numa situação adversa que não foi por ele provocada, o que consideramos uma vitória da categoria.

Ratificamos aqui nossa posição quanto à importância do diálogo, que tem sido um ponto de ênfase nas últimas gestões, por entender que essa ferramenta é a mais eficaz no ajuste dos interesses das partes no dia a dia de nossa comunidade. Evidentemente, nesse diálogo, esta Associação defende os interesses e os direitos da categoria, sempre buscando garanti-los e efetivá-los.

Aproveitamos para informar o corpo administrativo do

Campus Monte Alegre que já solicitamos à Secretaria Executiva/DRH que seja extinta a obrigatoriedade da compensação de 30 minutos diários destinados ao recesso do final de ano, relativos aos dias 06, 07 e 08/11/2023 quando as atividades foram suspensas devido à falta de energia e aguardamos retorno.

A AFAPUC vem nos últimos anos lutando pela manutenção dos direitos e melhores condições de trabalho para todos e seguiremos com esse compromisso e julga importante ressaltar quando há empenho de todas as partes para buscar a solução por meio do diálogo.

Diretoria da AFAPUC

SÃO PAULO



ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS DA PUC-SP
AFAPUC

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO
22/12/23 | 13H ÀS 18H
CANTOR MONTOYA E BANDA

VALORES:
DEPENDENTES DE 13 À 17 ANOS R\$ 70,00
DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS R\$ 120,00
CONVIDADO/FUNCIÓARIO NÃO ASSOCIADO R\$ 220,00

EM ATÉ 3X NO CARTÃO DE CRÉDITO
MENORES ATÉ 12 ANOS DEPENDENTES DE ASSOCIADOS NÃO PAGAM

RUA TENENTE LYCURGO LOPES DA CRUZ, 45 - ÁGUA BRANCA

Não será permitido o consumo de bebidas alcoólicas para menores de 18 anos.
Os convites devem ser retirados na secretaria da AFAPUC até o dia 19/12/2023 em horário comercial.
A identificação é obrigatória e não serão vendidos convites na entrada da festa.
Informações pelo Telefone (11) 3670-8208 - Secretaria da AFAPUC

SOROCABA



ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS DA PUC-SP
AFAPUC

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO
22/12/23 | 21H ÀS 02H
BANDA FACE NOVA

VALORES:
CONVIDADO R\$ 220,00 | DEPENDENTE R\$ 120,00
EM ATÉ 3X NO CARTÃO DE CRÉDITO
MENORES ATÉ 12 ANOS DEPENDENTES DE ASSOCIADOS NÃO PAGAM

SALÃO DE FESTAS MOINHO VELHO
ENDEREÇO: ESTRADA VOTORANTIM-PIEDADE, Nº568 - VOTOCEL

Obrigatório a apresentação do convite no local.
Não será vendido convite na hora do evento.
Não é permitido consumo de bebida alcoólica para menores de 18 anos.

29 de novembro: Dia Internacional de Solidariedade à Causa Palestina

Em meio a um dos maiores genocídios dos últimos tempos, o mundo celebrou nesta semana o Dia Internacional de Solidariedade à Causa Palestina.

O “Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino” é uma data comemorativa, instituída pelas Nações Unidas, para lembrar o aniversário da Resolução 181 da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 29 de novembro de 1947, que aprovou, sem consulta aos habitantes locais, o Plano de Partição da Palestina.

Apesar da trégua em vigor até quarta-feira, ainda são visíveis os sinais da destruição praticada pelo exército israelense na Faixa de Gaza, uma região que levará anos para

ser reconstruída.

O conflito fez reavivar antigos preconceitos entre os povos como o antisemitismo e a islamofobia. Esta semana, o mundo assistiu perplexo à divulgação de um vídeo israelense onde crianças entoavam uma canção que prega a destruição total do povo palestino.

Também no Brasil, a perseguição e judicialização daqueles que se colocam contra o ataque israelense é notória: a Confederação Israelita do Brasil (Conib) ajuizou uma ação contra o jornalista Breno Altman acusando-o de fazer apologia ao antisemitismo. O Sindicato dos Jornalistas de São Paulo emitiu nota repudiando a tentativa de cerceamento de opinião. Para o

Sindicato “a Conib busca na realidade criminalizar alguém que, de modo destemido, vem denunciando a máquina de propaganda de Israel e seus crimes de guerra”.

Nesta semana, a Associação dos Docentes da Unicamp, Adunicamp, divulgou nota tirada em assembleia da categoria, exigindo o imediato cessar-fogo no conflito. Para os professores: “Diante do quadro de crueldades e violências incessantes no atual conflito Israel-Palestina, os/as docentes da Universidade Estadual de Campinas não permanecem indiferentes, não se calam nem se omitem”.

A APROPUC e a AFAPUC, como vêm fazendo nas últimas semanas, reforçam neste momento o seu repúdio

à violência e genocídio que hoje presenciamos no Oriente Médio, esperando que um cessar-fogo duradouro efetivamente aconteça. Ao mesmo tempo nos solidarizamos com o jornalista Breno Altman com todos aqueles que enfrentam as práticas movidas pela extrema-direita em todo mundo, o que inclui perseguição de jornalistas, escritores, professores e também alunos que se posicionam e manifestam repúdio ao genocídio estorcedor do conflito Israel /Palestina (vide, entre outros, o que ocorre nas entidades representativas de estudantes, na perseguição e formas de expressão e protestos nos EUA), rompendo com os princípios mais básicos da liberdade de expressão.

Trabalhadores fazem paralisação contra privatizações do governador

Nesta terça-feira, mais uma vez, os trabalhadores do Metrô, CPTM, Sabesp e professores do Estado cruzaram os braços em protesto contra a privatização pretendida pelo governador bolsonarista Tarcísio de Freitas.

Os sindicatos dessas categorias denunciaram os prejuízos que as propostas do governador podem causar à população. A APEOESP, em vídeo divulgado pela TV, informou que os professores do Estado de São Paulo são contra as privatizações propostas e também repudiam o corte de verbas da Educa-

ção proposto por Tarcísio de Freitas.

Para o Sindicato dos Metroviários, um dos principais articuladores da paralisação, “A população quer ser ouvida. É um absurdo que uma política que vai afetar serviços essenciais como água e o direito de ir e vir não seja discutida com a sociedade. E por que Tarcísio se recusa a fazer um plebiscito oficial para consultar a população?”

A privatização da Sabesp está sendo discutida na Assembleia Legislativa de São Paulo, e deve ser encaminhada para votação até o

final de dezembro.

O governador enviou proposta à Assembleia autorizando que o estado tenha uma participação na companhia menor do que os atuais 50,3%. Enquanto uma série de países está hoje revendo seus processos de privatização, o governo Tarcísio vai na contramão tentando impor seu projeto privatista à população.

Uma rápida comparação com serviços privatizados em outro estado da federação, o Rio de Janeiro, mostra-nos como os preços de serviços privatizados subiram no Es-

tado. Aqui em São Paulo a Via Mobilidade, atual concessionária de linhas ferroviárias da CPTM tem acumulado diariamente reclamações por parte da população em razão de seus péssimos serviços, o mesmo acontecendo com a ENEL, cuja atuação no temporal que assolou a cidade neste mês foi calamitosa.

A APROPUC e a AFAPUC se colocam ao lado dos trabalhadores de São Paulo que paralisaram suas atividades, reivindicando melhores condições de trabalho e contra o ataque de Tarcísio aos bens públicos

FALA COMUNIDADE

Pobrezinho, nasceu (e morreu) em Belém

Jorge Claudio Ribeiro

Para dar concretude a minha longa docência na área das religiões na PUC-SP, em meados de 2016 visitamos Israel, eu e Maria Inês, minha esposa. Durante dez dias, experimentamos um aprendizado riquíssimo e doloroso, testemunhando situações inesperadas numa Terra Santa cuja santidade é pra lá de duvidosa. Ocorreu-me que “Terra Sangue” também seria uma denominação adequada.

Com frequência ouvíamos uma observação falada em tom jocoso, que era: “segundo a tradição”. O que essa expressão significaria? Parece uma recomendação de cautela perante relatos e fatos bíblicos pois, não sendo historiografia, expressam significados sobretudo simbólicos ou se baseiam em interpretações discordantes.

Uma das etapas da viagem seria Belém, cidade palestina com trinta mil habitantes, situada dez quilômetros ao sul de Jerusalém, que é judia e também muçulmana. Os judeus acreditam que em Belém nasceu o pastor Davi e lá foi coroado rei; segundo os cristãos, ali teria nascido Jesus, descendente de Davi – mas há quem discorde dessas duas afirmações. Sabemos que, desde o princípio, no próprio Jesus confluem tradições contraditórias.

Fomos surpreendidos quando nosso guia – um israelense veterano da Guerra dos Seis Dias, em 1967 – avisou que, para entrar em Belém, era obrigatório apresentar passaporte. Ué, Belém fica na Cisjordânia palestina, um outro país, e não em Israel? Verdade, mas em parte, como veremos.

Nosso guia nos esperaria do lado de fora, tendo combinado com uma colega palestina, que vivera no Paraguai, falava

espanhol e nos acompanharia. A propósito, o nome da cidade significa tanto “Casa da Carne”, em árabe, como “Casa do Pão”, em hebraico.

Pois bem, a Basílica da Natividade é um dos lugares sagrados (sagrados para quem?) imperdíveis em Belém. Fomos lá. Para dificultar o assalto de inimigos, a abertura no templo foi estreitada ao longo das eras, o que força os visitantes a se abaixarem para entrar. Diz-se que é para exercitar a humildade. Lá dentro, encaramos uma fila demorada, enquanto contemplávamos centenas de colunas e turíbulos soltando fumaça de incenso, no teto a armação antiga de madeira, no chão as pedras palmilhadas há tanto tempo que pareciam macias, nas paredes, maravilhosos mosaicos, alguns recém-descobertos. Enfim chegamos à Gruta da Natividade que, segundo a tradição, é o local exato do nascimento do Menino. Na idade adulta, ele passou a ser conhecido como Nazareno. No chão, uma estrela de prata de 14 pontas, com a inscrição, em latim: “Aqui Jesus Cristo nasceu da Virgem Maria”. Pode-se tocar, beijar, orar. Foi o que fizemos, regando nossa fé equilibrista.

Vizinha à Gruta da Natividade, fica a cela de São Jerônimo. Ele nasceu em Estridão, na atual Eslovênia e, depois de várias andanças, viveu seus últimos 38 anos em Belém. Entre 382 e 406, Jerônimo traduziu ali a Bíblia para o latim, a partir das línguas originais. Do Antigo Testamento, ele utilizou a versão hebraica e aramaica; do Novo Testamento, usou o original grego. Em sua versão latina, denominada Vulgata, Jerônimo empregou uma linguagem de fácil compreensão pelo povo, isto é, pelo vulgo. Foi uma verdadeira revolução, pois o latim

era a língua geral. Até o século 16, a Vulgata permaneceu o texto bíblico oficial da Igreja Católica Romana. Saindo da Basílica, avistamos antigo mosteiro ocupado por seguidores de São Jerônimo.

No almoço, nossa guia explicou a dureza de ser palestino numa terra ocupada pelos israelenses. “Por exemplo, se alguém faz um protesto, eles cortam a água e a luz que, aliás, nos é vendida. A água só é suficiente para uma agricultura de subsistência. Aqui há poucos empregos e as pessoas precisam ir trabalhar em Israel”. Perto da saída, ela nos levou para conhecer o execrável e ilegal muro de cimento com oito metros de altura, que separa Israel da Cisjordânia e está sendo construído desde 2004. Também chamado de Muro do Apartheid, no lado palestino é repleto de grafites de protesto, inclusive do britânico Banksy, que lá pintou nove obras críticas. Do lado israelense, a superfície do muro é aparentemente limpinha. Em 2014, ao visitar Belém, o sempre surpreendente Papa Francisco pediu que seu veículo parasse, andou até o muro, nele encos-

tou as mãos, a testa e orou em silêncio por cinco minutos. O governo israelense protestou.

Por sugestão de Maria Inês, visitamos a loja de recordações. Compramos um presépio com figuras pequeninas e uma caneca decorada com tema de pães e peixes, em mosaico, que usamos todos os dias.

Na passagem pelo posto de fronteira, dolorosa impressão. Nossa saída coincidiu com o retorno dos trabalhadores palestinos para casa. Batiam nas paredes, grades e verbalizavam a meia voz sua revolta e humilhação.

Se tivesse nascido hoje (por que não?), o Menino Jesus seria palestino, pelo local de nascimento, e judeu, filho de pais judeus. O muro impediria a Sagrada Família de fugir para o Egito e ele seria massacrado pelo Herodes moderno junto com toda a geração de santos inocentes.

Pobrezinho, nasceu (e morreu) em Belém, Palestina.

Ressuscitará?

Jorge Claudio Ribeiro é ex-professor da Faculdade de Ciências Sociais

PUC-SP

Atividade Internúcleos
NEPI - NEAM

TEMA

SERVICIO SOCIAL E ARTE:
DIÁLOGOS SOBRE
MEDIAÇÕES DO COTIDIANO
PROFISSIONAL

Convidada: Profa. Dra. Olegna de Souza Guedes UEL- PR

Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli PUC-SP

Profa. Dra. Maria Beatriz Costa Abramides PUC- SP

08/11/2023- 17h às 19h-
sala 303- PUC Perdizes - SP

Curso de Letras-Tradução discute direitos humanos e meio ambiente

Na sexta-feira, 24/11, no auditório 116A, aconteceu o a "Poster Session" dos estudantes de Letras: Língua Inglesa-Tradução. Organizado pelas professoras Elaine Trindade e Vera Cabrera Duarte, a atividade abordou direitos humanos e meio ambiente como temas pesquisados pelos alunos do 1º e 3º anos do curso.

Os alunos foram instigados por questões contemporâneas para desenvolver, durante o semestre, pesquisas profundas e criativas que demandam questões im-

portantes para o mundo. Os alunos do 1º ano desenvolveram o tema "Human Rights and Narratives" (direitos humanos e narrativas), com auxílio da Profa. Lucineia Rosa dos Santos, e o 3º ano "Environmental Issues" (questão ambiental). A apresentação contou com posters que tratavam de educação, trabalho escravo moderno, direitos das mulheres, violência policial contra os negros, mudança climática mundial desperdício de alimentos, pesca excessiva, entre outros.



Fotos Sthefane Mattos e divulgação



Acima detalhes da exposição, abaixo (esquerda) a estudante Carmen de Lucca detalha seu trabalho; à direita as professoras Vera Cabrera e Elaine Trindade, organizadoras do evento.



20 anos da morte de Clóvis Moura: Um guerreiro sem repouso

R. Ministro de Godoy no 969, 2º andar, auditório n° 239

Mesa: Do quilombo à universidade: a produção intelectual negra e a contribuição de Clóvis Moura

01/12 - 16h



Mestre e Doutora em Serviço Social, Pós-doutoranda em Direito, profa. PPG Serviço Social da PUC/SP e em Serviço Social e Políticas Sociais da UNIFESP Baixada Santista.

Mediação: Márcia Campos Eurico



Roberta Pereira

Assistente social e doutoranda (PUC SP).



Lucinete Rodrigues

Assistente Social e doutora em Serviço Social (PUC-SP).



Adeildo V. Nova

Assistente Social, Mestre em Serviço Social e Políticas Sociais, Doutorando em Serviço Social (PUC-SP).



Marilene Gerônimo

Assistente Social e mestranda em Serviço Social (PUC-SP).



Edgar Nery

Assistente Social e Educador. Mestre em Sociologia. Doutorando em Serviço Social (PUC-SP)



Thiago Aranha

Assistente Social, Mestre e doutorando em Serviço Social (PUC-SP).



Eliane Assis

Mulher Negra, Carioca, Corinthiana, mãe do Malcolm. Assistente Social e docente, Doutora em Serviço Social (PUC-SP).

ORGANIZAÇÃO: PPG Serviço Social PUCSP, NEAM e disciplina 'Serviço Social e Relações Étnico-Raciais'

20 anos da morte de Clóvis Moura: Um guerreiro sem repouso

R. Ministro de Godoy no 969, 20º andar, auditório n° 239

01/12 - 19:30

Abertura Beatriz Abramides



Profa. e Coordenadora do Programa de Pós graduação em Serviço Social da PUC/SP, Pós doutora em História contemporânea pela Universidade Nova de Lisboa, Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Aprofundamentos Marxista - NEAM

Mediação Weber Lopes Góes



Pós-Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUC/SP

Convidados (as)

Ana Paula Procópio

Profa. adjunta da FSS/PPGSS UERJ. Pesquisadora do Centro de Estudos Octavio Ianni- Ceol (UERJ) e do Observatório de Racialidade e Interseccionalidade- ORI (UFBA). Coordenadora da ênfase de relações Étnico-raciais do GTP Serviço social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia e sexualidades.



Milton Barbosa

Coordenador Nacional de Honra do MNU, sendo um de seus fundadores. Educador social e colaborador da Amparar - Associação de Amigos e Familiares de Presos. Representante do Movimento Negro em várias atividades em diversos países do norte da África e nos Estados Unidos, é palestrante sobre vários temas ligados a questão racial e formador de educadores, trabalhadores na área da saúde, da cultura e áreas afins.



Ramatis Jacino

Prof. do Bacharelado em Ciências Econômicas - BCE/UFABC, do Programa de Pós Graduação em Política Econômica Mundial - PPGPEM/UFABC e membro do Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros - NEAB, da UFABC, possui pós doutorado pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - CES/UC. É autor de Desigualdade Racial no Brasil - Causas e Consequências.



ORGANIZAÇÃO: PPG Serviço Social PUCSP, NEAM e disciplina 'Serviço Social e Relações Étnico-Raciais'

APOIO: TV PUC Arte: @.elisz